



‘Per modelli delli ornati’

A pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa

NUNO SALDANHA* E SANDRA COSTA SALDANHA**

*IADE-U/UNIDCOM

**Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Os antecedentes da magnífica pia baptismal da Patriarcal joanina, remontam a uma outra executada para a antiga Capela Real, constituída em paroquial a 24 de Agosto de 1709, por Clemente XI. A pretensão de D. João V, em ver ampliadas as responsabilidades da sua Capela Real, data pelo menos de 1707, quando se verificavam já diversas alterações na mesma, nomeadamente com a construção de uma nova capela-mor. Como afirmava José Soares da Silva nesse ano, pretendia o soberano “fazer Seê a sua Capella Real”, para o que tinha recorrido ao Papa (Silva, 1933: 98)¹.

A 1 de Março de 1710, o rei obtém do mesmo pontífice novos privilégios hierárquicos e regalias, com a criação da Colegiada de São Tomé (Costa, 1712: 662; Castro, 1763, III: 182). Deste modo, as sucessivas ampliações e beneficiações irão decorrer sempre associadas, prévia ou posteriormente, a momentos de alteração de estatuto da capela (Paroquial, Colegiada, Patriarcal).

Em Novembro de 1716, a então Colegiada de São Tomé, obtém novas concessões pontifícias, ao receber do Papa o título de Catedral Metropolitana e Patriarcal, um dos estatutos mais elevados da hierarquia eclesiástica romana, ambicionado pelo rei desde o ano da sua coroação. O novo título levou também à divisão administrativa da cidade em duas zonas, com dois senados distintos - Oriental e Ocidental - que se manterá até 1740. O então Bispo do Porto, D. Tomás de Almeida, é nomeado Patriarca de Lisboa Ocidental (4 de Dezembro) pelo soberano, imediatamente confirmado por Clemente XI (7 de Dezembro), pela constituição *Romani Pontificis*. (Ataide, 1728: fl. 159; Castro, 1763, III: 157).

Esta importante promoção hierárquica, acompanhada de novas honorarias e rendimentos, promoveria certamente um maior engrandecimento da capela, embora ele pareça ter-se concretizado mais em termos decorativos do que estruturais. De notar que, o antigo orago São Tomé, é então substituído pela nova invocação a *Nossa Senhora da Assunção*, o que deveria acarretar alterações ao seu programa iconográfico.

Tanto quanto se sabe, a Patriarcal não podia efectivamente satisfazer as expectativas do soberano, fosse ao nível da dimensão, como do gosto. Apesar de ser bastante rica e luxuosa, mantinha-se ainda dentro dos pressupostos estilísticos barrocos tradicionais das igrejas portuguesas, bem aquém do novo gosto romano que D. João V se encarregará de difundir nos seus principais empreendimentos arquitectónicos.

Ainda nos inícios da década de 30, depois de retomadas as relações de Portugal com a Santa Sé, o recheio da Patriarcal continua a ser enriquecido. Logo em meados de 1732, o soberano pretendia efectuar novas transformações, como indica o Conde de Ericeira (Brasão, 1943: 64). Estas, revestiam-se de maior ambição, indo além das simples modificações que, até ali, se vinham realizando.

Contudo, devido a vicissitudes de vária ordem, este desejo só se concretizaria década e meia depois, após a constituição *Salvatoris nostri* do Papa Bento XIV, de 13 de Dezembro de 1740, reunindo-se assim os dois antigos arcebispados (Oriental e Ocidental) sob a tutela única da Patriarcal do Paço. Em 1746 sagrava-se, finalmente, a nova igreja.

Mais uma vez, e de acordo com o que tem sido confirmado, as sucessivas promoções hierárquicas, são precedidas ou acompanhadas, por mudanças estruturais e decorativas da antiga Capela Real. É precisamente isto que justifica as planeadas alterações de 1732, embora nessa ocasião não pareça ter sucedido nada de relevante. No entanto, é um facto que esteve para acontecer. A reunião dos dois arcebispados de Lisboa, foi na verdade pensada ainda durante o pontificado de Clemente XII, numa longa negociação que se arrastou durante quase um ano.

Só depois de D. Tomás de Almeida se tornar cardeal, e de Bento XIV extinguir o arquiépiscopado da Sé, unindo-o ao da Capela Real (concedendo aos seus cônegos o título de *principais*), se assiste a novos planos de construção, no sentido de responder às necessidades da nova corte patriarcal, com quase 200 dignitários, e respectivos músicos. Em 1741, pela bula *Ea quae providentia nostrae*, o Papa extingue a mesa capitular da Sé oriental, determinando a criação de mais 8 cônegos, 20 beneficiados e 18 clérigos beneficiados (Abranches, 1895: 201).

Finalmente, em Julho de 1740, no *Folheto de Lisboa*, Luís Matos (Mattozo, 1740)² dá notícia de que estavam ajustadas as obras da Patriarcal. O ano de 1740 marca assim o início da última fase da história da Patriarcal do Paço, aquela que é, sem dúvida, a mais brilhante e, ao mesmo tempo, a mais ambiciosa, em termos de magnitude e riqueza. Tratava-se assim, mais do que uma nova remodelação parcial, de uma extensa ampliação que conduziria a uma transformação radical da sua organização, do seu interior e recheio. O corte com a antiga Capela Real revelava-se agora completo, com excepção para a zona inicial de implantação. D. João V realizava assim o sonho de uma nova Patriarcal, embora o idealizado palácio se destinasse agora ao patriarca, e não à sua corte.

Só em Maio do ano seguinte, o núncio começa a dar notícia das obras, comentando que o rei dedica todo o seu pensamento à Patriarcal, para a qual deu início a um novo e mais imponente edifício. Ainda em 1741 parecem ter começado a ser produzidas novas obras de ourivesaria para os serviços litúrgicos. Em 1743 continuam as diversas obras, quer na própria igreja, quer no moderno complexo palaciano.

Ainda com muito por concluir, e encomendas por chegar, a igreja seria finalmente sagrada a 13 de Novembro de 1746, com a nova invocação ao *Salvador do Mundo e Nossa Senhora da Assunção* (Castro, 1763, III: 194). Mas só no ano seguinte, depois do Papa Bento XIV admirar e benzer as novas peças, são enviadas para Lisboa as grades e a pia baptismal (Viterbo, 1900: 14).

A aproximação à magnificência pontifícia, não se resumia a uma questão de prestígio eclesial ou de benefícios, ela passava também, necessariamente, por uma emulação do seu brilho artístico, um “simulacro da corte pontifícia dentro da sua real capela”, como comentava Timóteo de Oliveira em 1748.

A PIA BAPTISMAL PARA A PATRIARCAL DO PAÇO

Composta de pedras preciosas, bacia de porfido, incrustações em alabastro, jaspé, lápis-lazúli e vários mármore, a magnífica pia baptismal, destinada à Igreja Patriarcal de Lisboa, constitui uma das mais emblemáticas peças encomendadas durante esta campanha de obras da década de 40, particularmente dinamizada por João Frederico Ludovice. Encomendada em 1743, seria concretizada em Roma pelo canteiro Pietro Paolo Rotolone e pelo bronzista Francesco Giardone, segundo modelos de Alessandro Giusti. Artistas igualmente representados na capela de São João Baptista, da igreja de São Roque, marca pois o início da actividade profissional deste último, ao serviço da corte portuguesa, antecedendo uma longa permanência de mais de meio século no nosso país (Saldanha, 2012).

Intervenção parcialmente documentada entre os diversos pagamentos feitos na cidade pontifícia (pelo ministro português, o comendador Manuel Pereira de Sampaio), seria discriminada em 1748, numa relação dos trabalhos realizados por Giusti:

“Nota di lavori fatti in servizio della nuova Cappella dedicata allo Spirito Santo di Sua Maestá il Rè di Portogallo p. Oridine e commiss.^e dell Illmo, et Ec.^{mo} Sig.^{or} Commendatore Sampai da me Alessandro Giusti scultore”³.

À semelhança dos róis de outros artistas, também ali se listavam as diversas obras executadas, concretamente para a igreja Patriarcal e para a capela de São João Baptista⁴. Referindo-se, justamente, à pia baptismal, a 14 de Julho de 1744, João Baptista Carbone insta Manuel Pereira Sampaio para “que se trabalhe com força nas cancelladas e baptisterio, as quaes encommendas se desejam com maior brevidade do que a da Capella de S. João Baptista”⁵.

Encargos possivelmente obtidos por intermédio do seu mestre, Giovanni Battista Maini (Saldanha, 2012), Alessandro Giusti via-se assim envolvido numa série de comissões de grande



Projecto para a pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa (MNAA)
Foto Carlos Monteiro (DGPC/ADF)

relevância, beneficiando ainda do contacto com um distinto leque de outros artistas, muitos dos quais com obra em Portugal e, tal como Maini, plenamente integrados nos circuitos joaninos.

Com uma participação directamente ligada à concepção de alguns elementos escultóricos, o escultor seria então encarregue de realizar para a pia baptismal da Patriarcal, a partir de 1744, diversas maquetes e modelos em cera e barro, destinados à execução de peças em bronze e mármore. Primeira intervenção de Giusti ao serviço da coroa portuguesa, descrevem-se então, na mencionada relação das suas obras⁶:

- Duas mísulas grandes para suportar a tampa da pia baptismal durante as cerimónias;
- Duas mísulas pequenas com dois festões de flores;
- Ornatos para uma moldura;
- Um ornato para contorno da placa de porfido, com uma concha e duas cabeças de querubins; e
- Dois *putti* de 4 palmos segurando uma coroa de flores e um lírio.

Obra desaparecida, mas amplamente documentada na correspondência entre Lisboa e Roma, um primeiro desenho divulgado (MNAA, Inv. N.º 171), proveniente da Academia Real de Belas Artes, não é, todavia, esclarecedor quanto à sua forma final (e, deste modo, quanto à possível intervenção de Giusti). Com efeito, para uma melhor compreensão deste projecto, que Marie-Thérèse Mandroux-França daria a conhecer há quase três décadas, deveremos destacar as interessantes observações endereçadas a Roma por João Frederico Ludovice, na extensa missiva que lhe é atribuída, de 21 de Maio de 1744 (Publ. Viterbo, 1900: 120-129). Recusando um primeiro projecto proposto, considera o arquitecto:

“A pia baptismal, feita de pedaços de porfido, totalmente se reprova, porque como se quer e se quiz sempre de uma só pedra, não se admite que seja de pedaços, ainda que se podessem encobrir as juntas com ornatos tão artificiosos que parecesse ser de um só pedaço de porfido, e assim de que fosse



Pia baptismal da Basílica de São Pedro do Vaticano
Publ. *Numismata Summorum Pontificum*, 1696 (p. 104, nº 43)

inteira se mandou uma segunda instrução em 31 de outubro passado, prevenindo que, não havendo vasca ou pia de porfido, se fizesse de outro qualquer marmore o mais precioso de que houvesse exemplo em baptisterio de basilica conspicua, e que não havendo tal exemplo, ou não se achando vasca ou pia de marmore semelhante á de alguma basilica conspicua, se fizesse do mais precioso mármore branco que se podesse achar; na conformidade da referida instrução se ordena novamente se execute a pia baptismal, porquanto absolutamente se quer de uma só pedra de mármore, ou de alabastro antigo ou moderno, que seja duro e tome lustro.” (Publ. Viterbo, 1900: 128).

Ora, com base nesta apreciação, alguns autores têm atribuído às suas palavras uma crítica implícita às semelhanças com a pia baptismal seiscentista de Carlo Fontana, para São Pedro do Vaticano (Mandrux-França, 1995: 97)⁷.

Mas a apreciação de Ludovice, parece-nos, é clara e assertiva, expressamente orientada para as opções materiais propostas: “se quer e se quiz sempre de uma só pedra, não se admite que seja de pedaços”. Por seu turno, quanto à eventual pretensão de a distanciar da solução vaticana, não poderemos deixar de evocar as recorrentes (e expressamente solicitadas) citações de obras romanas noutras encomendas joaninas e, concretamente, na Igreja Patriarcal de Lisboa. Aliás, no caso concreto do material a adoptar, é o próprio signatário quem, expressamente, sublinha a necessidade de que tomasse por exemplo o “baptisterio de basilica conspicua”.

Obra que se pretendia “de uma só pedra”, segundo novas instruções (enviadas para Roma a 31 de Outubro de 1743)⁸, um outro registo gráfico parece-nos bastante mais esclarecedor quanto à peça eventualmente concretizada. Trata-se de um bellissimo desenho aguarelado⁹, integrado na célebre *Recueil Weale*, onde precisamente se ilustram os “Ornati di metallo dorato del Fonte Battesimale”. Claramente próximo das opções compositivas e decorativas da pia baptismal de Fontana para São Pedro, ostenta efectivamente alguns dos



Projecto para a pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa (ENSBA)
Foto Réunion des Musées Nationaux

elementos remunerados a Giusti, nomeadamente, festões de flores, *putti* e cabeças de querubins.

Obra que se executaria em Roma, a par das célebres grades destinadas às capelas da igreja, por carta de 22 de Junho de 1744, Manuel Pereira de Sampaio informava o padre Carbone que se trabalhava então “incessantemente por diferentes artifices, assim nas cancelladas como no baptisterio”¹⁰. Só em 1747, como vimos, depois de apreciadas e benzidas por Bento XIV, as duas encomendas seriam enviadas para Lisboa (Viterbo, 1900: 14).

MEMÓRIAS DE UMA OBRA DESAPARECIDA

Desaparecida a Patriarcal do Paço, com o fatídico terramoto de 1755, a história da Igreja Patriarcal de Lisboa seria particularmente conturbada ao longo de todo o restante século XVIII. Empreendimento profundamente marcado pelas magníficas comissões joaninas, apesar dos condicionamentos que marcaram a sua reedificação ao longo da segunda metade de Setecentos, reconhece-se um enorme esforço de manutenção de todo o esplendor e cerimonial litúrgico.

Instalada provisoriamente na ermida de São Joaquim e Santa Ana, logo em Dezembro de 1755 se começava a planear um edifício em madeira, no topo da colina da Cotovia. Templo nascido por força dos trágicos acontecimentos, as inusitadas circunstâncias com que os muitos dignitários viram desaparecer os seus bens, justificariam as vastas rubricas dedicadas à aquisição de novas alfaías.

Porém, também a Patriarcal da Cotovia acabaria destruída, desta vez por mão criminosa, em virtude de um incêndio ateadado pelo seu armador. Instalando-se, desde 1769, nas igrejas de São Roque e de São Bento da Saúde, fixar-se-ia, em 1772, na igreja de São Vicente de Fora. Templo onde permanecerá durante os vinte anos seguintes, entre as diversas prioridades da Congregação Camarária, continuariam a figurar avultadas somas na despesa com prataria.

Diversamente ao que por norma se presume, ao aceitar-se liminarmente o desaparecimento de todo o recheio da destruída Patriarcal joanina, sabemos hoje que grande número de alfaías seriam recuperadas, entre as muitas peças resgatadas dos escombros. Trabalhando-se com todo o fulgor na Cotovia, os destroços da arruinada igreja não seriam de facto esquecidos. Iniciando-se as buscas logo após o terramoto, sabe-se que, em Novembro de 1755, andavam já os mestres da nova obra desentulhando todos os achados que se iam descobrindo.

Centrando-se os esforços na recolha de materiais preciosos, arrecadados num telheiro junto ao estaleiro da nova obra, são sistemáticas as alusões à recuperação de prata. Além das peças de ourivesaria, outros objectos de particular interesse foram recuperados, como pedaços de ornamentação entalhada, os sinos da Patriarcal joanina, ou as célebres cancelas de ferro, executadas por Garnier e Sautray, segundo modelos do escultor Michel-Ange Slodtz (Saldanha, 2009).

1. Segundo o mesmo autor, o soberano pensava já na atribuição da “púrpura cardinalícia” ao seu Capelão-mor, depois de investido como Inquisidor Geral (Silva, 1933: 109), o que só seria concretizado perto de 30 anos depois.
2. Luís Montês Mattoso (1701-1750) foi um importante periodista da época, autor de diversas interessantíssimas gazetas. Algumas delas foram publicadas em 1740: *Anno Noticioso e Histórico*, Lisboa. Este periódico foi reeditado sucessivamente em 1934 (Tomo I), 1938 (Tomo II - 1741) e em 1996 (Tomo III, 1742). Ficariam inéditos os anos seguintes (1742- 1754), com este e outros títulos: *O Folheto de Lisboa* (repetido no manuscrito de Évora, *Folheto de Lisboa Occidental*), e o *Mercúrio Histórico de Lisboa*.
3. BIBLIOTECA DA AJUDA - Ms. 46-VIII-17, N.º 1906.
4. Apesar de aludir especificamente ao trabalho feito para a “*nuova Cappella dedicata allo Spirito Santo*”, é de notar que no recibo em questão se incluem também as intervenções para a igreja Patriarcal, portanto, as duas comissões de que é encarregue ao serviço da corte de Lisboa (Saldanha, 2012).
5. Cf. BA - Ms. 49-VIII-41, fl. 50. Cit. por Viterbo, 1900: 138.
6. Referências sumárias à realização das duas mísulas adiante mencionadas são feitas por Mandroux-França, 1989: 39; 1993: 48; 1995: 90, 97; Rocca-Borghini-Ferraris, 1990: 131, 147;
7. Considerando, por consequência, que tal motivaria a necessidade de simplificação do projecto, António Filipe Pimentel filia essa eventual alteração nos desenhos 89 e 91 da *Recueil Weale* (Pimentel, 2013: 112).

Quanto à pia baptismal de que nos ocupamos, ao contrário de outras peças resgatadas, acabaria de facto destruída. Requerendo-se, logo em 1756, o parecer do prestigiado joalheiro inglês William Dugood, para um possível reaproveitamento¹¹, a ideia deverá ter sido entretanto abandonada. Procedendo-se à realização de uma nova peça anos depois, à qualidade artística da obra original não terá sido alheio o delineamento de duas outras pias baptismais, encomendadas para a Patriarcal lisbonense, por altura da sua instalação na Cotovia (1757) e em São Vicente de Fora (1772). Templos cujas alfaías, em particular muitas das suas peças de ourivesaria, seriam reaproveitadas da Patriarcal do Paço, as respectivas pias baptismais eram agora lavradas segundo modelos dos escultores José de Almeida (em 1763, para a Cotovia)¹² e Joaquim Machado de Castro (em 1776, para São Vicente de Fora)¹³. ■

8. Nesta linha de uma leitura, Ludovice aludiria a algum dos projectos mencionados, quando se refere ao desenho do cordeiro: “Estranharia vê-lo d'esta sorte pelo não vê-lo como um cordeiro que veio em um risco de baptisterio talvez da mão do sublime artífice, cuja cabeça e pescoço se parecia mais á de um jumento que á de um cordeiro e leve essa de caminho para a emenda da obra” (Publ. Viterbo, 1900: 126).
9. BIBLIOTHÈQUE DE L'ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE DES BEAUX-ARTS - *Recueil Weale. Libro degli abozzi di disegni delle commissioni, che si fano in Roma per ordine della Corte [di Portogallo]*. MS 497, fol. 273, n.º 88.
10. BA - Ms. 49-VIII-41, fl. 50. Publ. por Viterbo, 1900: 137.
11. Associado também à recuperação de outros materiais precisos provenientes do templo, a Dugood seria ainda encomendado um forno para fundição e refinação da prata encontrada nas ruínas (Sequeira, 1916: 93). Sobre este joalheiro e as suas relações com Portugal veja-se o que tivemos já oportunidade de compilar em Saldanha, 2015.
12. Peça que contaria com a intervenção dos ourives António Rodrigues Leão (douragem), Domingos Fernandes (fundição, 1764) e António Nunes Neves (posteriores concertos dos ornamentos). Cf. Saldanha, 2009.
13. A colaboração de Machado de Castro na Patriarcal alargar-se-ia à concepção de modelos para a respectiva custódia e alguns apóstolos, vindo ainda a assumir, já na década de 80, a direcção escultórica do célebre baldaquino de São Vicente de Fora. Cf. Saldanha, 2009.

BIBLIOGRAFIA

ABRANCHES, Joaquim dos Santos (1895) - *Fontes de Direito Ecclesiástico Portuguez*. Lisboa.

ATAÍDE, Tristão da Cunha de (1728) - *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V: memórias históricas de Tristão da Cunha de Ataíde 1º Conde de Povolide*. [Ed. SALDANHA, António Vasconcelos de; RADULET, Carmen M., Lisboa: Lisboa Chaves Ferreira, 1990].

CASTRO, Padre João Baptista de (1763) - *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Vol. III.

COSTA, Padre António Carvalho da (1712) - *Corografia Portuguesa, e Descrição Tipografica do Famoso Reyno de Portugal*. Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana. Tomo Terceiro.

MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse (1989) - La Patriarcale du Roi Jean V de Portugal. *Colóquio Artes*. N.º 83, 2ª série, 31º Ano (Dez. 1989) p. 34-43.

____ (1993) - A Patriarcal do Rei D. João V de Portugal. In TEIXEIRA, José Monterroso (Comiss.) - *Triunfo do Barroco*. Cat. da exposição. Lisboa: Centro Cultural de Belém, p. 39-53.

____ (1995) - La Patriarcale del re Giovanni V di Portogallo. In ROCCA, Sandra Vasco; BORGHINI, Gabriele, (dir. de) - *Giovanni V di Portogallo e la Cultura Romana del suo Tempo*. Roma: Argos Edizioni, p. 81-111.

BRASÃO, Eduardo (1943) - Diário do 4º Conde de Ericeira D. Francisco Manuel de Meneses. *Biblos*. Coimbra. Vol. XVIII, Tomo II.

MATTOZO, Luiz Montez (1740) - *Anno Noticioso, Folheto de Lisboa, Mercúrio Histórico*. Lisboa. CIV/1-9d - CIV/1-23d.

PIMENTEL, António Filipe (2013) - Pia Batismal. *A Encomenda Prodígiosa: da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista*. Roteiro da exposição. Lisboa: MNAA-INCM.

ROCCA, Sandra Vasco; BORGHINI, Gabriele; FERRARIS, Paola (1990) - *Roma Lusitana - Lisbona Romana*. Roma: Argos.

SALDANHA, Sandra Costa (2009) - Os apóstolos em prata para a Patriarcal de Lisboa: modelos de ourivesaria dos escultores José de Almeida (1708-1770) e Joaquim Machado de Castro (1729-1822). *Revista de Artes Decorativas*. Porto: Escola das Artes/UCP. N.º 2, p. 45-62.

____ (2012) - *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra* [texto policopiado] Coimbra: [s.n.]. Dissertação de Doutoramento em História, variante História da Arte apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. 2 Vols.

____ (2015) - Alessandro Tanzi: um escultor de Carrara na Lisboa de Setecentos. *Revista de História da Arte*. Lisboa: IHA-FCSH/UNL N.º 11, p. 352-361.

SILVA, Joseph Soares da (1933) - *Gazeta Composta em Forma de Carta (Anos de 1701-1716)*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

VITERBO, Sousa (1900) - *A capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque: notícia historica e descriptiva*. Lisboa: [s.n.].